

Brinquedo nada inocente: as práticas de meninos e meninas

Flavio Nunes

Este presente trabalho foi realizado na EMEF Maria Rira de Cássia Pinheiro Simões Braga, localizada em Parque Ligia, distrito Capão Redondo. A unidade oferece o Ensino Fundamental I e II nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Construída em 2002 a escola dispõe de pouco espaço externo para desenvolvimento das aulas, a quadra disponível é do tamanho de uma quadra oficial de voleibol, quando as aulas ocorrem no pátio alguns colegas relatam que o barulho o incomoda e conseqüentemente atrapalha sua aula. Dentro desse cenário, a experiência pedagógica foi desenvolvida com os estudantes do 3º ano C, nas aulas de Educação Física.

A turma envolvida vinha recebendo inúmeros adjetivos que a desqualificava por conta do comportamento e desenvolvimento de alguns estudantes. Isso se espalhou pela unidade, despertando pouco interesse nos docentes em lecionar ao grupo. Contudo o professor que assumisse a turma já estava ciente das condições e situações que o aguardava.

Nesse ensejo, iniciamos o ano realizando mapeamento das atividades vivenciadas pela turma em outros anos dentro da unidade e as práticas costumeiras realizadas fora do ambiente escolar. No primeiro, curiosamente, verifiquei a presença do brinquedo na agenda semanal, isto é, toda sexta feira era considerada “o dia do brinquedo”. No segundo, as brincadeiras tomavam a maior parte do tempo, sendo desenvolvidas na rua e no quintal de casa. Observando essa prática decidi tematizar os brinquedos dentro das aulas de Educação Física.

Encaminhando o trabalho, solicitei a todos para que levassem brinquedos na aula seguinte. Chegado o dia, nos dirigimos ao espaço externo atrás da escola. Um lugar dividido em duas partes: uma cercada por telas na lateral e em cima, tendo algumas demarcações no chão; outra descoberta, sem telas laterais e nem demarcações, apenas banco, utilizado muito para acomodação de mochilas, perfazendo uma área reduzida em relação a primeira. Surpreendentemente, houve ocupação e determinação de uso dos espaços entre eles. Os meninos ficaram do lado com melhor estrutura utilizando bola, enquanto as meninas ocuparam o lado oposto juntamente com alguns meninos descontentes em vivenciar naquele momento

atividades com bola. Estabelecida a divisão, ficou decidido que em nenhum momento elas poderiam transitar naquele espaço para não atrapalhar a prática deles.

Essas condições foram pré-estabelecidas dentro das aulas em anos anteriores. Discordando dessa dinâmica, verifiquei a necessidade de desarticular tal configuração. Após conhecer um pouco as características da turma, realizei a seleção das expectativas de aprendizagem, com auxílio da professora titular, para estruturar o projeto. Segue quadro com as expectativas selecionadas:

- ✓ Elaborar formas de registro a partir das vivências (desenho, escrita, relato oral, fotografia);
- ✓ Respeitar o direito de expressão dos colegas;
- ✓ Posicionar-se criticamente nas diversas formas de brincar;
- ✓ Explicar e demonstrar as vivências de utilização dos brinquedos no contexto familiar e adaptá-las às condições do grupo;
- ✓ Identificar as características do brincar com os brinquedos;

Sequenciando o projeto, a professora titular da sala produziu com os estudantes uma lista de brinquedos. Foram lembrados vinte e cinco tipos, o debate engrossou ao significar a bola e o jogo de futebol durante as aulas, pois alguns meninos a apresentaram para desenvolver suas práticas, discordando desse grupo, outros colegas proferiram argumentos defendendo o não uso, acreditava que na classificação entrava somente àqueles produzidos para representar super-heróis, objetos domésticos, pessoas, animal e lugar. Defendendo suas vontades, aqueles, muito eufóricos, não cederam aos argumentos opostos e decidiram não abrir mão da necessidade de utilizá-la em suas práticas.

Saindo das quatro paredes para produção das vivências com os brinquedos, os estudantes com posse de seu brinquedo, se agruparam para troca de experiências. Curiosamente, as meninas se ocuparam com os bambolês, bonecas e colchonetes, por sua vez, os meninos com bola e bonecos. Sem nenhuma novidade, a bola foi palco da produção do futebol.

Na busca por novas identificações desenvolvemos a prática seguinte dentro da sala de aula. Agora com os brinquedos acumulados na U. E., afastamos as carteiras, formamos um círculo, colocamos a sacola de brinquedos no centro e iniciamos a discussão para definir como poderíamos organizar uma escolha segura e tranquila, pois o material encontrava-se num saco plástico. Houve várias sugestões, mas a de

melhor aceitação do grupo foi o critério de ordem alfabética, sendo assim, cada um pegou o brinquedo de acordo com seu gosto e ficou num espaço da sala que achou mais conivente.

Acompanhado da professora, passei pelos grupos formados e problematizamos os critérios adotados por cada um para escolha do brinquedo preferido, as características dos brinquedos e os discursos por de trás das brincadeiras de meninos e meninas.

Percebemos que a escolha foi influenciada pelas experiências obtidas em casa, no convívio com a família e nos canais de televisão acessados, já que alguns brinquedos representavam os personagens de desenho animado. Agora o que ficou mais forte nas falas foi o posicionamento de homem e mulher, por unanimidade, o envolvimento nas brincadeiras com bonecas foram pelas meninas. Porém, observamos a integração de alguns meninos nas brincadeiras de comidinha, fantasiavam os como clientes do restaurante comandados pelas meninas.

Ainda mapeando os discursos e as práticas desenvolvidas pela turma, observei o surgimento de novas ações, algumas garotas se envolviam com os meninos nas brincadeiras com bolas, até o presente momento aparentava ser um território exclusivamente masculino. Outro fato, esse intrigante, eram as corriqueiras agressões produzidas pelos meninos, todo conflito surgido procurava-se solucioná-lo pela força física, não havia uso do diálogo e nem busca ao docente.

Após discutir com a professora titular sobre as práticas, decidimos tematizar cada brinquedo da lista, a fim de desmistificar os discursos dominantes que se revelam por de trás desses objetos supostamente inocentes.

Dando início às análises, produzimos algumas discussões com os estudantes, os meninos aceitaram a participação das colegas nos jogos com bola, justificaram a presença delas citando a jogadora Marta como exemplo da participação feminina no futebol, entretanto, quando argumentaram sobre o envolvimento na brincadeira de comidinha resistiram em produzir comidas, deixando a tarefa às meninas, ficando apenas com a parte da degustação. Perguntei se havia algum problema homem cozinhar, intrigados com a pergunta, citaram a ação do pai em casa no preparo de alimentos, mas sentem-se incomodados em participar da brincadeira.

A professora, verificando a dificuldade em produzir escrita alfabética, desenvolveu atividade utilizando os brinquedos. Os estudantes levavam-no pra casa na sexta feira para brincar ou até mesmo para não fazer nada, mas na terça feira da

semana seguinte, este estudante juntamente com os demais da turma e mediação docente, construía relato escrito referente ao uso ou tratamento dado ao brinquedo no final de semana.

Observando os relatos sobre o uso dos bonecos pelos meninos, surgiu a iniciativa de assistir ao filme “Gigantes de aço”, pois a presença de lutinhas com esse brinquedo permeava fortemente as práticas, algumas vezes surgiam encenações corporais representando os gestos dos próprios bonecos. Então a assistência do vídeo poderia instigar novas interpretações e significações sobre a produção das lutas.

O longa apresenta a seguinte história: em um futuro próximo, Charlie Kenton é um ex-lutador de boxe frustrado após o esporte se tornar uma modalidade de alta-tecnologia, sendo comandado por robôs altamente desenvolvidos. Ele abandona a profissão e começa a viver de pequenas lutas com robôs feitos com restos do ferro velho. Quando sua vida parece ter encerrado, ele se reúne com seu filho Max Kenton (Dakota Goyo) para uma última tentativa de se tornar um vencedor com um robô desacreditado e descobrem o verdadeiro significado do amor entre pai e filho.

Após a visualização do filme desenvolvemos uma discussão sobre o que foi assistido. Desenvolvemos o debate perguntando aos estudantes o que identificaram de mais interessante, retrataram as opiniões da seguinte maneira: *“As lutas dos robôs são da hora”*; *“É verdade, parece a que eu faço”*; *“Eles apostavam muito dinheiro”*, *“O modo sombra é o mais legal”*; *“O menino não gostava do pai no começo”*.

Continuando as discussões em relação às características dos brinquedos, fortalecendo a construção e divulgação de conhecimento entre estudantes, os discentes da 5ª série B realizaram apresentação de um tema espinhoso: preconceito racial. Estruturada no texto “Não julgue pela cor” do livro Racismo é o Ó. Obra produzida pelo professor Fábio de língua portuguesa da Escola Estadual Francisco de Paula, próxima à nossa EMEF. Finalizada a encenação, fizemos uma roda para discutir a hegemonia branca nas bonecas e bonecos. A discussão foi intensa, os apelidos com caráter de subjugação do negro entraram em cena, um dos estudantes se retirou do debate, pois pertencente ao protestantismo se sentiu incomodado ao ouvir o significado de macumba, proferindo frases da seguinte ordem: “sai, queima no fogo do inferno” - “Jesus tem poder”. O termo macumba pipocou na conversa quando um dos estudantes alegou ter sido chamado pelo colega de outra turma de “nego da macumba”.

Após abordar questões raciais entrou em cena as situações que contribuem para construção dos laços de família, comentamos como as responsabilidades maternas são representadas desde a infância dentro das brincadeiras de bonecas. Explicando a configuração das atividades, as meninas argumentaram os cuidados desenvolvidos: *“A gente faz de conta que dar banho”*; *“A gente brinca de comidinha”*; *“trocar roupinha”*; *“dar de mamar”*; *“Lavar louça”*.

Seguindo as práticas com brinquedos, dispondo de caixas com diversos brinquedos, decidimos modificar a organização para escolha do brinquedo, os estudantes formaram fila. Após a organização observamos meninos pegando bonecos carrinhos e bolas enquanto meninas se atentavam para bonecas, bolsas, jogo de louça e beleza (pente, secados, escova).

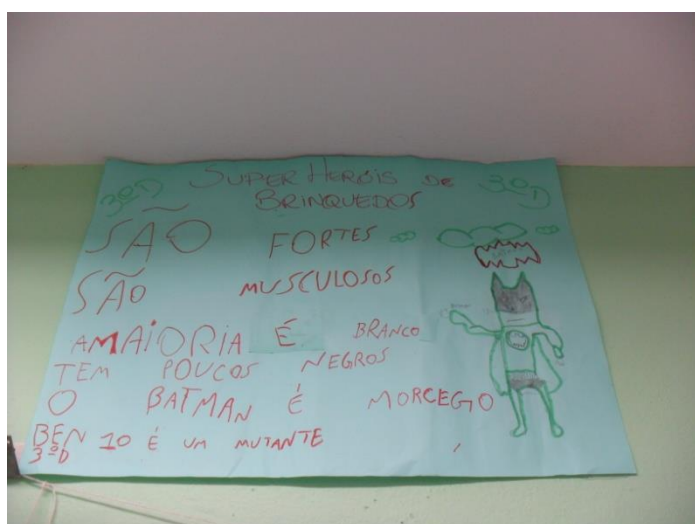
Durante as práticas com bola era freqüente a ocorrência de brigas, quase todas as aulas produziam confusões. Incomodado com a forma para resolver os entraves, realizamos discussão para minimizar essas ações, opinando sobre o assunto, a turma considerou necessário incrementar regras durante as atividades com bola, pois as agressões surgiam quando alguém era chutado pelo colega durante a tentativa de pegar a bola, então acharam melhor a bola recomeçar com o participante agredido toda vez que isso acontecesse.

Esse debate promoveu grandes efeitos na realização dos jogos com bola, pois os conflitos passaram a ser resolvidos, na maioria das vezes, pelo diálogo. Dentro desses jogos também houve participação de meninas, mas o envolvimento nas brigas era estritamente masculino.

Observando outra prática, discutimos sobre os discursos que cercam as brincadeiras com bonecos. Analisando as características imbricadas no objeto. Apoiados por imagens e bonecos trazidos pelos estudantes, pudemos perceber que a maioria representa pessoas brancas com corpos musculosos, traços marcantes da colônia europeia. Deixando esquecidos outros grupos: magro, obeso, negro, baixo, deficiente. Vendo isso, sentimos a necessidade de divulgar no interior da escola, por meio de cartazes, tais informações. Ao mesmo tempo produziu-se desenhos representando pessoas pertencentes aos grupos subjugados supracitados.



desenho de boneca negra e deficiente visual



Cartaz produzido pelos estudantes sobre as características dos bonecos

Estendendo a análise, a professora desenvolveu com a turma uma produção textual sobre as práticas produzidas com os bonecos. Conforme os estudantes expuseram o formato da brincadeira, a professora transcrevia as orientações na lousa.

Ampliando as discussões relacionadas às visões masculinas sobre as práticas e comportamentos femininos e vice versa, desenvolvemos a leitura do livro “Masculino de menino e feminino de menina”. A obra aborda interpretação que os meninos fazem sobre as características das garotas, assim como a visão feminina sobre os meninos. Para facilitar a compreensão por parte dos estudantes, a professora realizava a fala das meninas, enquanto eu reproduzia a dos meninos. Após a leitura, os estudantes foram perguntados sobre o que achavam, alguns expressaram ter gostado, pois tinham passado por situações parecidas com as retratadas dentro da história.

Retomando novamente o processo de escrita, a professora desenvolveu junto com os estudantes uma lista contendo as características dos meninos e das meninas trazidas na obra.

A fim de subsidiar novas leituras sobre as questões anteriores, assistimos o filme 4 da turma da turma da Mônica. O vídeo aborda o tema meninos e meninas, apresentando as brincadeiras que as meninas Mônica e Magali adoram fazer sendo vivenciadas pelos meninos Cascão e Cebolinha.

Sendo assim, após assistência produzimos novas práticas com brinquedos. Foram surgindo novas situações: nas práticas com bolas, os meninos resistiam muito em deixar as meninas participarem, alguns diziam – “Professor, as meninas estão atrapalhando, pede para elas ficarem do outro lado brincando com as bonecas”. Incomodado com isso, reuni-los para discutir o uso do espaço e de material. Com o debate, chegamos à conclusão de que as meninas têm condições e podem jogar com os meninos.

Finalizando o projeto surgiu a ideia de gravar vídeos com depoimento dos estudantes. Os depoentes foram escolhidos aleatoriamente para gravação. Durante a conversa, podemos perceber a mudança no discurso de alguns estudantes sobre as práticas que envolvem brinquedo, no início do trabalho acreditava-se que a participação nas brincadeiras com bonecas era exclusividade das meninas, conforme as problematizações foram ocorrendo puderam perceber as ações desenvolvidas pelos colegas durante as aulas sendo desempenhadas em casa pelo pai. Isso promoveu o rompimento com o discurso inicial, quando os garotos envolvidos em tais práticas eram taxados de gay, veado e bicha.

Ampliando ainda mais as informações alusivas aos brinquedos percebemos também os padrões de sujeitos (homem e mulher) representados pelo mercado de bonecos e bonecas. A maioria das bonecas representa o padrão europeu: mulher, magra, branca, cabelos longo e liso e alta. Assim como os bonecos idealizam o homem, musculoso, magro, branco. Essa ação da indústria cultural causa certo desconforto em muitos, pois nenhum estudante sentiu-se representado, grande parte deles foge dos padrões tidos como ideais.

Após a gravação, desenvolvemos a assistência dos vídeos com a turma toda. Foi interessante o momento, os estudantes sentiram a valorização de suas vozes, possibilitando o aprendizado entre eles, já que neste caso quem estava na tela era o colega dando depoimento sobre a temática desenvolvida.

Contudo, o caminho percorrido durante da execução do projeto nos levou ao alcance das expectativas de aprendizagem pré-selecionadas. Sabemos que os estudantes (meninos) não iriam ao final do ano pedir uma boneca de presente aos pais, assim como as meninas não iriam solicitar carrinho e bonecos. Porém o projeto proporcionou a desconstrução dos discursos permeados nesses objetos tanto queridos pelas crianças. Dizer que todos mudaram de opinião seria leviano da nossa parte, mas houve mudança no comportamento e maneira de ver as práticas desenvolvidas pelo gênero oposto, pois reconheceram as mesmas atividades das brincadeiras sendo desempenhadas por adultos em outros ambientes e situações.

REFERÊNCIAS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Real_Steel

SÃO PAULO. Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 2007.